

ZAQUEU  
*e* JESUS



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 400 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080 – Vila Fátima

CEP 13360-000 – Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 ☎ | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

César Crispiniano  
*pelo espírito Marie Sophie*

# ZAQUEU *e* JESUS

Capivari-SP | 2022

© 2022 César Crispiniano

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição - abril/2022 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO | Joyce Ferreira

REVISÃO | Rubens Toledo, Irene Brito e Maria José Antonieto

César Augusto Félix Crispiniano

Celular: (89) 9 9978 6996

cesarcrispim@yahoo.com.br

Rua Frutuoso Pacheco, 483

Florianópolis-PI

CEP - 64.806-230

Ficha catalográfica

Marie Sophie (espírito)

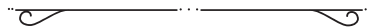
Zaqueu e Jesus / pelo espírito Marie Sophie; [psicografado por] César Crispiniano - 1ª edição. abr. 2022 - Capivari, SP: Editora EME. 280 p.

ISBN 978-65-5543-069-1

1. Obra mediúnica. 2. Época de Jesus. 3. Conversão de Zaqueu.  
4. Cristianismo nascente.  
I. TÍTULO.

CDD 133.9

# SUMÁRIO



Ante a nova era.....	7
<b>Primeira parte - <i>Antes do encontro com o Cristo</i></b>	
1. A emboscada.....	13
2. A carta a ser escrita .....	19
3. O encontro .....	25
4. O noivado de Joaquim.....	31
5. Revelações em Betânia .....	37
6. Dias em Jerusalém.....	47
7. A festa no palácio de Pilatos.....	57
8. Os segredos de Karen.....	65
9. O feiticeiro .....	73
10. A visita.....	87
11. Samiel e a dor do outro .....	95
12. Questionamentos de Zaqueu .....	101
13. O noivado de Sarah.....	109
14. Novamente em Jericó .....	115
15. Revelações importantes.....	127

## **Segunda parte – Na presença do Cristo**

Capítulo único: Com o Cristo.....	135
-----------------------------------	-----

## **Terceira parte – Após o encontro com o Cristo**

1. O publicano reformado .....	149
2. O início de uma nova jornada .....	155
3. Perante o Gólgota.....	169
4. Os primeiros contatos com a Boa Nova.....	177
5. Conhecendo as parábolas .....	187
6. Em Cesareia .....	201
7. O sonho.....	209
8. A aldeia.....	215
9. O plantio.....	223
10. Paulo esteve com Zaqueu .....	231
11. A decisão de Pedro .....	239
12. Recomeço.....	245
13. Despertar .....	255
14. Em Tiro .....	265
15. Em Chipre, Antioquia e, por fim, com Jesus.....	273

## ANTE A NOVA ERA

---

ERA VERÃO, O SOL aquecia pensamentos, serenava ideias e despertava sentimentos; incidia como fogo sobre a terra, projetando-se sobre ela e fazendo germinar sementes de amor, de intrigas, de ervas daninhas e salutares.

O sol brilhava para todos e forçava os judeus a trajarem vestes leves, rústicas e, mesmo assim, arrastava-os, sufocava-os. Para suportar, eles transitavam por lugares úmidos. Elos entre sensações espirituais e materiais cresciam, energias revelavam o quanto necessitavam permutar sentimentos no caminho evolutivo e como o universo intrínseco ao ser expandia-se ao encontro do outro. O clima castigava o dia e suavizava a noite. Na transição claro-escuro, partículas tornavam-se gotas de orvalho, chuva torrencial ou névoa leve. O organismo, sob efeito das intempéries, enfraquecia-se. O silêncio convidava ao repouso, e as dores musculares, ao sono profundo.

A noite caiu por inteira. Na serenidade, durante o sono, o desdobramento espiritual proporcionou liberdade aos judeus e a oportunidade para alcançarem patamares desconhecidos. Os sentidos se aguçaram, e o mundo

intuitivo ganhou força, deixando no repositório cerebral a vida cartesiana.

Ao entrarem no Mundo Espiritual, anjos obreiros nas lidas do bem os receberam, trazendo instruções sobre o dia do Senhor. Estava próximo o nascimento do cristianismo. Novos desejos acenderam: era o amor em missão singela de esclarecimento. Sob o sol, abajur único de Deus, sentaram-se. Estavam em um imenso salão, de largas paredes e pinturas que remetiam às cenas da chegada dos judeus a Israel. No assoalho, pequenos retângulos revelavam a imagem do Cristo; a claraboia e o teto tinham vitrais perfeitos, abordando temas astronômicos. O conjunto refletia os dias vindouros.

Havia, ali, mais de cinco mil espíritos em processo de desdobramento durante o sono. Sem o uso de equipamentos de projeção sonora, ouviriam a palestra proferida por singular amigo. A sonoridade viajaria nas partículas espirituais subatômicas e projetar-se-ia nos sentidos dos ouvintes. Ele, o orador, ampliaria o próprio campo mental para envolvê-los e garantir-lhes paz. A lição essencial para despertá-los à união far-se-ia de imediato. Pressagiando, o vento morno, suave e perfumado aquietou-se. Raios tênues e cintilantes cortaram o espaço colorindo-o, projetando luz.

Interrompo a descrição para relatar a preleção do orador, a fim de compreendermos o porquê das cenas que serão lidas nas páginas seguintes.

– Desçam o cume! Busquem mares, rios, lagos! Evitem o joio para o trigo frutificar no tempo certo e tornar farta a colheita do Senhor. No dia da vinda, muitos serão escolhidos, porém poucos se colocarão à disposição. O lago de Genesaré, espelho d'água que abriga a imagem celeste, revelará o Enviado e será berço do cristianismo. Sua areia registrará as pegadas do Messias, e seu manancial abrigará as lembranças.



Pensamentos, ali presentes, revelarão o nível de consciência de cada um, e a natureza indicará a trajetória do homem rumo a Deus, pois o segredo do Universo corre na seiva como corre na veia, guardando-se em um pingo d'água. Lagartos, pássaros e peixes do lago ali apanharão os nutrientes, viverão e crescerão. Instintivamente, cumprirão a jornada planejada por Deus e darão vida a outras espécies que também rumarão a novos destinos. Essa sequência lógica da criação e seus resultados são exemplos do que acontecerá com a humanidade após o contato com o filho de Deus. Será preciso observar do menor ao maior para perceber a vontade imensa do Criador. Então, entardecerão os antigos ensinamentos, amanhecerão diferentes ideais, alvorecerá nova vida. A verdade se revelará conforme os olhos de quem a mirar e os impulsionará a outras experiências, quando vontades se transformarão, entrelaçando-se a outras verdades. Será o ser coparticipando da reelaboração do Universo lentamente, de forma quase imperceptível, perseguindo os desígnios divinos. Daí surgirá a necessidade de se compreender o amor, de a Luz vir à matéria para certificar o corpo humano como veículo capaz de atingir a meta almejada. Se um ser como Jesus habitará a matéria densa que constitui o homem, por que o homem não se tornará um Cristo, ao purificar a própria densidade também neste planeta? Muitos alcançarão a perfeição aqui na Terra, enquanto outros viajarão por diversos mundos em busca de evolução. O Reino de Deus é o coração do ser, e a consciência, a regra de conduta. Seguindo essas metas, todos alcançarão a sublimação. Breve, muitos percorrerão as ruas da Galileia, da Judeia e da Idumeia como andarilhos em busca de conhecimento. Alguns desbravarão o mundo dos gentios para levar a sabedoria; outros cumprirão a missão no lar, no dia a dia, junto aos seus. Ao despertarem, quando medirem as ações do próximo, usem os

mesmos pesos e medidas convosco! Conforme forem amados, amem! Conforme forem perdoados, perdoem! Conforme forem abençoados, abençoem! E caso não o sejam, ainda assim amem, perdoem e abençoem indistintamente! Levem alhures o amor despertado em vocês; não o refutem nem o regateiem. Distribuam-no em abundância e receberão em abundância! Deleitem-se nas virtudes do Senhor, mas não neguem essa alegria a outrem nem mesmo diante da traição, da dor ou da agonia que venham a sentir. Façam da vontade do Pai a sua! Permitam que a Boa Nova seja semeada! Agora, retornem ao plano material e recordem-se da vontade firme de seguir Jesus, o Messias vindouro. Há séculos, almejam-se as virtudes divinas e o soerguimento do cristianismo. Não desperdicem a oportunidade de crescer, de contribuir, de participar. Ao despertarem, muitas lições aqui vivenciadas, transformar-se-ão em vagas lembranças; serão nuvens com desenhos indefinidos. A matéria revelará seu poder sobre a vida perecível e o quão a ela somos submissos. Talvez concluam ser melhor viver as benesses do ouro, despejadas a mãos cheias. Talvez sintam a febre colossal dos deleites superficiais; talvez os abrolhos das incertezas retornem aos corações; talvez ideias diversas nos invadam, e o tempo se encarregue de transformar este encontro em quimera merecedora de esquecimento. Mas aqui, a semente foi lançada e, na hora certa, ela romperá o solo pedregoso, mas fértil, dos corações. Assim, frutificarão e derramar-se-ão sobre toda a Terra, aos milhares, os ensinamentos do Cristo. Sigam ao encontro do Amor!

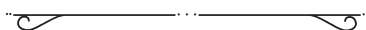
A voz silenciou. Um novo despertar aguçou a sensibilidade de todos.

**Marie-Sophie**

PRIMEIRA PARTE  
*Antes do encontro com o Cristo*



## A EMBOSCADA



ESTREITA PASSAGEM IMPEDIA VEÍCULOS e pedestres de seguirem juntos. Surgiam enormes filas, tumultuadas e cansativas, que se alongavam até a extremidade da estrada, em meio ao quente deserto, indicando proximidade com Jericó, pouso derradeiro da caravana do publicano. Um cruzamento perigoso sucedia, e liteiras vindas do norte paravam, dando passagem às outras que seguiriam para leste ou para oeste.

Fossem das árvores ou das baixas montanhas rochosas, as sombras projetavam-se enquanto desenhavam silhuetas sinistras sobre veículos. Liteiras cobertas de adereços belíssimos destacavam os proprietários e identificavam a opulência deles. O tropel estridente da cavalaria revelava a proximidade do cortejo. Curiosos e aficionados pelo brilho do ouro acompanhavam o desfile que mais se assemelhava a um carrossel de luzes.

Belos, com corpos bem delineados como os centuriões, escravos da caravana do publicano lembravam os bravos deuses da guerra, Ares e Marte. Conduziam as liteiras e exi-

biam vigor através das poucas vestes – o verão não estimulava o uso de tecidos pesados. Na pele oleosa, escorria o suor por entre músculos, seguindo das reentrâncias da pele até as extremidades inferiores e, então, alcançava a terra seca.

O cenário era singular: vento forte, porém escaldante; aroma da terra misturado ao das flores campestres, com vegetação baixa e escura. Novamente as liteiras pararam. Segurando cantis, os escravos alcançaram o poço. Primeiro, saciaram a sede do publicano no interior da liteira; depois, mataram a própria e, paralelamente, a dos animais.

Seguiram viagem e tão logo atingiram a estrada destinada aos moradores de Jericó, a mão do publicano, levemente, fez correr a cortina no interior da liteira central. Foi algo incomum. Por instantes, avistou-se o nobre homem com pouco mais de cinquenta anos e, logo, viram-se outros que o acompanhavam. Não foi possível identificar todos.

Outra parada, e o ritual repetiu-se: os escravos apanharam frutas, saciaram a fome do publicano, abasteceram os cestos para o restante da viagem e, na sequência, os animais se alimentaram. O silêncio pespontava essa ação.

Diferentes cidadãos, culturas e espaços daquela estrada formavam uma colcha de retalhos; cada retalho um ser, cada ser um templo.

“Impressionante!” – com vista cansada, mas perspicaz, Samiel, o escravo líder da caravana do publicano, continuou sua observação – “multidão de leprosos e aleijados segue para a Galileia! Nunca vi tanta miséria rumando para o norte. Faces cansadas, sujas, disfarçam-se entre turbantes e mantas, mas não há como esconder tanta dor!”

Violentemente, animais e homens pararam. Um certo instrumento sonoro, no interior da liteira, sentia a pressão dos dedos do publicano na tentativa de dali extrair breve

canção. Com a brusca interrupção, ele desistiu da música e ameaçou descer. Samiel e outros escravos formaram uma barreira humana rente às saídas para impedi-lo.

- Desordeiros nos cercam - informou Samiel ao publicano, imaginando serem eles de origem desconhecida.

Destacando-se, o líder dos desordeiros tentou anunciar o objetivo do cerco. Antes de ele se pronunciar, Samiel, com voz grave, olhar observador e ameaçador, deixou o vilão estarecido:

- Em honra ao rei David: não te aproximes dos veículos! Daremos o sangue e a vida em defesa dos amos.

- Incrível! Esse homem é escravo! - junto aos companheiros, o líder dos desordeiros comentou.

Para garantir a segurança da caravana, os demais escravos aproximaram-se de Samiel, mas o anúncio do desordeiro os fez estremecer:

- Somos judeus, humilhados em nossa crença mais sagrada. Gideão nos ensinou a vencer o maior dos exércitos com apenas 300 homens. Exceto teus donos fazem parte de nossos costumes. O conflito é prejudicial. Conversarei com o músico no interior da liteira - e gargalhou, deixando visível a ameaça das armas em ferro fundido, polidas e afiadas na pedra e no fogo, prontas para serem usadas.

O cenário se modificou: passou-se da percepção suave de novas ideias, observadora das alterações na Galileia, para momentos de ódio e de apreensão, também próprios daquela época.

- Aborda-me! - Samiel parou rente às liteiras, impedindo a proximidade dos agressores.

- Por Salomão! Nada vi igual em Israel! Escravos defendendo proprietários imundos, corruptos; usurpadores dos bens judeus! - furioso, o agressor continuou:

– Ignorante! Saquearei esses desonestos e dar-te-ei liberdade. Desconheces essa possibilidade? Não a desejas?

– Retira-te, ignorante! Imediatamente! – Samiel ameaçou – de qual autoridade te incumbiste para interromper nossa passagem? Quem a deu a ti?

– Um escravo que não deseja a liberdade! Porventura és lunático?

– Lunáticos desrespeitam a propriedade alheia e descambam para a vulgaridade. Analisa qual de nós atende a tal perfil!

Franzindo a face, o desordeiro selou os lábios; seu sangue quase derramou das têmporas. As armas, paradas, não eram mais tão potentes.

– Somente aos tolos a escravidão encanta. Tua passagem está condicionada ao pagamento de pedágio – continuou o desordeiro.

– César cobra-nos os tributos. Desconheço a obrigatoriedade de outras taxas para trânsito livre nesta estrada – redarguiu o escravo.

– Pagarás a mim.

– Desconheço absurda obrigação!

– Arrogante! Imprudente! Insubordinado! – ergueu o braço para desferir o golpe no rosto de Samiel.

Ambos os grupos estarreceram; tropéis e burburinhos misturaram-se. Ante o olhar inflexível de Samiel, o braço do agressor paralisou-se.

– Algo medonho marca esse rapaz. É anormal sua coragem! Gestos suaves, porém, firmes, denotam honradez, segurança, placidez. Muito me agraciaria tê-lo em meu bando! Um escravo trajando qualidades distantes dos homens comuns – meditou o desordeiro antes de verbalizar – se és escravo e te conformas com tal situação, é lamen-



tável, mas acima de tua estupidez estão os meus objetivos – ele dissimulava.

– Impostos cobrados por César, na Judeia, vão para Roma. Cobro taxas que ficarão aqui, comigo.

Por entre as franjas da cortina da liteira central, uma mão acenou, e Samiel atendeu ao sinal. O publicano entregou-lhe uma pequena bolsa. O escravo entendeu: aquele seria o pedágio que, injustamente, pagariam. Recebeu a bolsa e dirigiu-se aos desordeiros.

– É o que possuímos! – Samiel entregou-lhes a bolsa.

A quantia era mais do que suficiente. Os desordeiros deram-se por satisfeitos, montaram nos cavalos e desfizeram o cerco, permitindo a passagem da caravana.

– Sabe – de cima do cavalo, o falso cobrador de pedágio aparentava mais assustador – que se passares por aqui novamente, serás taxado, principalmente por ser romano o vosso amo. Se tributarmos a César, César tributará a nós – as mulheres apressaram-se, evitando ser capturadas. Até o término da jornada, não parariam para abastecer; seguiriam diligentemente.

Quando os cavalos cessaram o trote, que deixava vincos profundos na areia, alcançaram o pouso derradeiro em Jericó. Escravos e servos retiraram objetos de viagem, levaram os animais para o interior da propriedade e puseram ordem nas ideias. Silenciosamente, o publicano abandonou a liteira, adentrou a residência, buscou segurança.

Após estarem acomodados, portas foram fortemente seladas e vigiadas, enquanto os escravos divagavam sobre o episódio na estrada.

– Antes inviolável, a integridade do publicano fora vilipendiada – iniciou Samiel, trazendo um punhal nas mãos.

– Teria acontecido pior. A morte rondou a cena e pôs

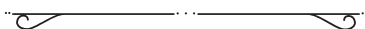
trégua somente quando quis. Não tínhamos nenhuma arma! A sorte foi-nos amiga. Nunca ladrões muito violentos contentar-se-iam com aquele saquinho de moedas – um dos escravos comentou sob a luz da lua.

– Vi muitas caravanas saqueadas e mulheres abusadas por seres desprezíveis que confundem atos justos de protesto com agressões à liberdade alheia – outro completou o raciocínio, enquanto apanhava água para asseio em uma das gamelas próximas.

– Os desordeiros eram homens comuns, judeus como nós, possivelmente de classe opositora ao domínio romano. Ladrões vulgares! Tinham objetivos definidos, mas não interromperam ainda mais nossa jornada porque era grande a quantia na pequena bolsa que lhes dei. Ao contrário do que pensas, contentaria qualquer desordeiro – finalizou Samiel, dando a entender que era hora de recolher-se.

O publicano apagou a lamparina no andar superior. Nenhuma palavra a mais foi dita entre eles, para a tranquilidade do sono.

## A CARTA A SER ESCRITA



O PEQUENO PALÁCIO DO publicano tinha colunas majestosas, com jardins: uns aqui e outros acolá, proporcionando, ao lugar, ares de beleza incomum. Certamente, fora planejado por alguém apaixonado pela natureza. Situava-se em Jericó, uma das cidades mais prósperas da Judeia, como um oásis naquela região. Os escravos, treinados para o trabalho doméstico, serviam nos salões e nos quartos. Os demais dispunham-se no pátio, na segurança e no plantio. Samiel assumia posto de comando.

Transcorrida a noite veranil, o incêndio diário iniciou-se no céu, alargando seus braços sobre a cidade a distender a luz, o calor e a energia necessários à natureza para reelaborar-se. Agitado, cabelo desalinhado, preocupado com o ocorrido na estrada, o publicano despertou. Pôs a capa e calçou as sandálias numa rapidez incomum.

Nem bem a claraboia lateral vazou luminosidade, ele convocou uma reunião de urgência com os escravos. Ouviria a narrativa deles sobre o episódio do dia anterior, exigiria detalhes, argumentaria e contra-argumentaria. As falas aconteceriam conforme viessem as lembranças.

Reforçaram a ideia de serem desconhecidos os desordeiros. Decerto, teriam vindo de outra região, provavelmente dos arredores de Jerusalém. Saqueavam, visando financiar as rebeliões contra Roma.

Com a saturação dos argumentos e tendo coletado informações suficientes, Samiel redigia a carta que seria entregue nas mãos do atual representante de Roma em Jerusalém, quando o publicano se recordou e lhe disse:

- Em décadas anteriores, o cônsul romano Cneu Pompeu, ao invadir Israel, pretendeu levar para Roma o maior tesouro de nosso povo: grandes maravilhas deixadas pelos profetas do passado, entre elas, a Arca da Aliança, na qual os sucessores de Moisés guardaram a fortuna. Era tanta a importância da Arca, que Salomão e outros reis ergueram templos suntuosos para protegê-la; adoradores partiam de lugares longínquos para render-lhe votos de louvor. Contudo, essa foi a maior decepção de Cneu Pompeu, pois imaginava o tesouro judeu composto de joias preciosas e não das duas tábuas contendo as Leis Judaicas, de um vaso de maná e do bastão de Aarão. Diante da frustração, retirou-se. Para governar a região, designou outros comandantes - o publicano apanhou cachos de uva próximos e degustou-os - durante décadas suportamos todos os tipos de agressões, que iam desde a perda dos objetos sagrados e de poder político até a usurpação dos direitos de propriedade. Roma subjogou nosso país implantando o mesmo processo pacífico de dominação imposto a várias regiões do mundo. Houve mais diplomacia para fechar acordos do que uma guerra propriamente dita. Ao reconhecer a inferioridade bélica da nação, nós, judeus, demo-nos por vencidos para evitar derramamento de sangue. Então, instalaram-se novos pontos de arrecadação de impostos. O fruto de nosso

trabalho passou a ser enviado à sede do Império Romano. Foram-nos retirados os poderes sacerdotais judaicos, resolução ditada por Pompeu e amargada pelos Doutores da Lei Religiosa. Mantiveram nossos direitos próprios da religião professada, mas sem poder para condenar à morte os criminosos. Vereditos limitaram-se à condenação por castigo ou banimento; em caso de morte, somente o representante legal de Roma na Judeia condenava o réu ao suplício final – agora, o publicano tomou do vinho servido pelo escravo – para melhor governabilidade, o território foi dividido em regiões, cada uma sob a responsabilidade de autoridade local. A Judeia ganhou destaque por abrigar grandes cidades, entre elas, Jerusalém, que exerce forte influência política, religiosa e cultural sobre os cidadãos locais e comunidades vizinhas – olhou distante como se visse as imagens projetadas diante de si – tempos depois, Herodes, “O Grande”, rei de Israel, cedeu o território para a travessia do exército romano durante as conquistas de novas terras em países vizinhos, além de oferecer, aos centuriões, mulheres, casa e alimento. Em troca, Octaviano César, o Augusto, enviou tropas para proteger Herodes de seu próprio povo, que o odiava e planejava sua derrocada. Com a morte de Herodes no ano quarto antes da era comum, Arquelau, seu filho, teve o apoio romano para governar a região da Judeia. Porém, ao invés de promover a paz, o jovem tirano instalou a desordem com grande derramamento de sangue, durante confrontos com judeus que não suportavam suas arbitrariedades. A situação acirrou-se, e Octaviano enviou um representante direto para organizar o poder político e pôr fim aos conflitos entre povo, governo e religião. É esse representante que hoje ocupa o cargo maior, denominado “prefeito”. Pôncio Pilatos, esposo de

Cláudia Prócula, deteve-o – o publicano tomou outro gole de vinho antes de continuar – Pilatos aumentou a discórdia com sua chegada e, com abuso de poder, manteve as determinações. Construiu residência em Jerusalém, para garantir que os recursos vindos das taxas fossem enviados à sede do Império, aumentou o número de cobradores de impostos e impôs regras arbitrárias. O uso de símbolos romanos em templos judeus, a adoração a deuses pagãos e o excesso de castigo aos supostos desordeiros de origem judaica passaram a fazer parte de nosso cotidiano. Revoltas crescentes ocasionaram a formação oculta de exército judeu maior do que o romano, mas sem recursos bélicos suficientes para um confronto armado.

Samiel ouvia as narrativas do amo com entusiasmo; elas contribuía para seu aprimoramento intelectual. Ele sempre expunha opiniões que demonstravam esse seu interesse. Aliás, fora inusitada a forma como ele chegou à casa de Zaqueu anos atrás, oferecendo-se, voluntariamente, para ser escravo. Contou que honrava seus pais, que eles descendiam da tribo de Manassés, que também amava somente a Deus e que se interessava pelos estudos; a obediência era sua regra. Por fim, revelou sua vontade de crescer e parecia determinado nisso, tanto que o publicano não se questionou antes de aceitar a proposta dele de servir-lhe como escravo; ser-lhe-ia útil. Depois, a revelação da morte de seus pais por soldados romanos e o desprezo dos demais parentes – que o abandonaram para que morresse sem importuná-los – vieram à tona. A beleza dele era invejável, a musculatura definia o corpo. Executava um pouco de tudo e, ao contrário dos outros escravos, sabia ler e escrever. Logo ganhou destaque em meio aos demais, dedicando-se exclusivamente aos interesses do amo. Alfabeti-

zado, redigia os documentos da família, ainda lhe cabendo a obrigação de solucionar pequenos assuntos; agia como um escriba.

- Dois pontos, apenas, merecem destaque no cerco ocorrido na estrada, promovido pelos desordeiros: primeiro, houve equívoco em relação à origem de tua família - Samiel disse ao publicano - imaginaram tratar-se de romanos e, como evitavam maiores complicações com Pilatos, haja vista ainda não estarem fortemente armados para uma guerra, deixaram-te partir ileso. Contudo, por mais que seja rica e esteja em caravana digna de grande senador, tua família é judia; segundo, é o valor levado injustamente. Diante da quantia transportada em segredo na liteira, aquele fora insignificante. Em verdade, tu és grande administrador do Império Romano, encarregado de recolher impostos dos coletores das pequenas cidades, ou seja, és chefe de publicanos, transportavas tributos de, pelo menos, um mês de arrecadação, que será enviado a Tibério César em poucos dias - o publicano admirou como o escravo concluiu a cena vivida dia anterior.

Quando Samiel finalizou a carta que seria entregue ao prefeito Pilatos, narrando a violência dos desordeiros, a informação do imposto arrecadado e transportado às escondidas foi omitida. Se o manuscrito caísse em mãos erradas, despertaria, em quem o lesse, o interesse pela fortuna e, quem sabe, algum astuto poderia roubá-la, o que despertaria em Zaqueu, publicano e senhor daquela caravana, ódio eterno.





## O ENCONTRO

SAMIEL ENCARREGOU UMA PEQUENA caravana para entrega da carta ao prefeito Pilatos. Enquanto isso, Joaquim, o primogênito de Zaqueu, cuidava da plantação nos arredores da casa. Foi quando uma figura estranha para a população de Jericó, mas suficientemente viva para percorrer ruas e becos, parou ante o fino portão de madeira roliça da entrada. Joaquim veio atendê-la, trazendo na mão direita uma arma branca, tipo punhal lapidado, com cabo de resina e corpo de osso. Na esquerda, um cesto de frutas colhidas no pomar podia ser visto, além do candeeiro.

- Em que posso ser útil? - interrogou Joaquim, que tinha pouco mais de vinte anos, semblante calmo, traços elegantemente femininos, como os dos romanos.

Sem dar passagem à desconhecida, segurou firme a porteira. Ainda pensou em erguer a candeia à altura do rosto dela, mas recuou. Não era de seu interesse o contato com mulheres perambulantes.

- Venho da parte de Abimael, trago notícias para Zaqueu - respondeu-lhe a garota, com timbre sonoro débil.

Amedrontava-lhe a presença masculina. Receou e deixou a face mover-se sentido ao chão, em ato de submissão.

– Estranho! Vagas ao declinar do dia, não trazes nada nas mãos, nem mesmo uma carta de recomendação possuis em teu poder...Por que deveria chamá-lo? Imaginas o chefe dos publicanos de Jericó ser alguém sem afazeres para receber-te a qualquer momento? Que realmente desejas tratar com ele?

– Temo não te responder como deveria. A informação que conduzo no pensamento será revelada somente a Zaqueu. E, pela aparência, tu não és ele, estou certa ou me engano? – a penumbra escondia a face da jovem, mas a voz denunciava sua mocidade.

O rapaz impressionou-se com a ousadia dela. Meditou:

“Muito convicta nas afirmações, com aparente cultura e educação formal!” – no entanto, iluminou-a com o candeeiro e revelou-se desrespeitoso – “suas vestes estão em farrapos! Pessoas dessa idade e com pouco poder aquisitivo não têm educação suficiente para travar diálogo comigo! Ainda mais, uma mulher!”

Enquanto depositava intenso olhar sobre as mãos dela, continuou:

– Sinto, mas se não me convences da importância de tua presença aqui; não te darei passagem! Não incomodarei papai para narrar histórias triviais, sem sentido aos homens de muito trabalho e responsabilidades.

– Quando disseres que Karen, filha de Abimael, espera-o rente ao portão de sua casa, garanto-te que ele virá pessoalmente abri-lo para mim!

“Que ousada!” – Joaquim devaneava: poderia pô-la a correr de minha porta em instantes. Afinal, o portão de madeira é baixo, contíguo ao pequeno muro de pedra, sendo fácil sal-

tá-lo. Mas ninguém ousaria fazer isso por respeito aos donos da propriedade. Essa garota tampouco o fará. Para desmascará-la e destruir sua arrogância, aceitarei o desafio. Pensei que a noite me brindaria com bela sesta ao luar, uma vez que não suporto o calor da tarde para o descanso. Mas agora, o desafio da intrusa atordoou-me, colocando em dúvida a afirmação que fiz. Então, em vez de abrir o portão, vou até meu pai, que está na sala reservada, trabalhando, peço desculpas por interrompê-lo em sua tranquilidade e informo-o da presença da jovem que o aguarda no portão de nossa residência.

Assim foi feito, e grande foi a decepção do moço, pois, Zaqueu, ao ouvir o nome “Karen”, voou em direção ao portão, abrindo-o rapidamente. Em seguida, abraçou-a, afaçando-lhe os cabelos e beijando sua face, semelhante a um pai que recebe de volta em casa a filha que vivia distante.

“Quanto carinho!!! Por quê?” – Joaquim continuava devaneando – “de onde provém esse afeto? Seria alguém de nossa família que desconheço? Porque, nem com nossos parentes, papai age tão amavelmente.”

– Filho, vê! É Karen, filha de Abimael, meu ex-sócio! Quando vivíamos na cidade de Betânia, acumulamos grande patrimônio – Zaqueu explicou com euforia.

– Não me recordo. Viemos para cá ainda menino, praticamente não me lembro de nada que vivemos em Betânia, a não ser de alguns meninos que brincavam comigo na rua. Lamento não compartilhar de tua alegria em rever a jovem! Mesmo assim, é uma honra tê-la em nossa casa – ele esforçava-se para ser gentil e lembrar-se dela, mas era impossível.

– Chama tua mãe e tua irmã enquanto fico a par dos últimos lances! Comemoraremos a chegada desta joia singular – Zaqueu pediu ao filho.

Antes de sair, ao passar o candeeiro às mãos do pai, o garoto ergueu-o, dessa vez para revelar as particularidades do rosto de Karen.

“Como é bela!” – Joaquim refletiu por alguns instantes, antes de sair para atender ao pedido do pai – “os olhos castanhos escuros e a pele marrom-clara ajustam-se aos longos cabelos negros. Quanta serenidade na face! Quanta simplicidade no olhar! Estava cego e agora recobro a visão? Quase não a deixei entrar! Se houvesse partido sem admirar tanta beleza, jamais me perdoaria!”

Em breve tempo, reuniram-se: Raquel, esposa de Zaqueu, que acarinhava o rosto de Karen com muita afeição, e os filhos do casal, Sarah e Joaquim que, sentados em almofadas jogadas ao chão, assistiam à cena, apreensivos.

– Karen ficará conosco. Abimael foi responsável pelo acúmulo de boa parte de nossa fortuna; ensinou-me a mercadejar. Minha sabedoria bebeu daquela fonte. Porém, segundo informações da jovem, quando o estimado amigo tentou resistir às imposições romanas, foi brutalmente assassinado. A menina ficou órfã, somente a vida lhe restava. Mas, esperta, guardou meu nome e o da cidade em que residimos. Ela chegou até nós perguntando a um e a outro. Sob a proteção divina, encontrou-nos antes que algo de mal lhe ocorresse – Zaqueu informava à família.

Karen contou-lhes como o pai desfiava assuntos, como falava com carinho do amigo Zaqueu e como, juntos, acumularam uma verdadeira fortuna. A força da explanação da jovem cedeu lugar às lembranças do publicano, que continuou a narrativa.

– Unido a Raquel e pai de dois filhos, tracei metas para encontrar a região que me recebesse bem e que me oferecesse maior oportunidade de enriquecimento. Era preciso

prosperar cada vez mais, aumentar as regalias da família. Ao percorrer parte da Judeia, concluí que Jericó atendia a minhas expectativas. Foi a cidade que me viu nascer e da qual fui embora ainda menino. Situada no caminho que vai para a Galileia e outras regiões de Israel, Jericó tinha um povo humilde, necessitado de tudo que certamente eu teria a oferecer. Esse era o desafio, fazer prosperar uma região castigada! Se o povo sofre carências, são dos carentes que necessito. Não há melhores clientes do que aqueles que de tudo carecem. Retornei a Betânia e, juntamente com Abimael, fiz a partilha de tudo o que tínhamos acumulado, usando de honestidade na divisão. Então, segui viagem, levando comigo os pertences e a família. Chegando a Jericó, ergui uma tenda para abrigar-nos enquanto adquiria lugar melhor para instalar os negócios. Em alguns dias, já habitava a vivenda que pertenceu a um desconhecido e que fora confiscada pelos romanos. Tornei-me desbravador e viajei por terras distantes em busca de mercadorias para vender; o lucro era obrigatório para erguer o império ambicionado. Em um domingo, quando retornava das viagens para casa, fui abordado por guardas romanos que me informaram com urgência a solicitação de Marco Ambítulo, prefeito da Judeia. Dias depois, arrematei, em concorrência pública, o direito à cobrança de impostos em Jericó. Fiquei incumbido de coletar os tributos de outros publicanos que seriam subordinados a mim na região. E como Marco Ambítulo chegou a mim? Vocês devem perguntar-se. Meus familiares solicitaram o cargo ao prefeito, quando souberam que o parente se estabelecia de volta em Jericó, cidade próspera e sob o comando de publicanos que não atendiam aos interesses romanos. Com o prestígio que tinham, foram prontamente agraciados. Parti do palácio com a função de pa-

gar antecipadamente a Roma a parte dela, que jamais seria revestida em benefício de Israel, e de ficar com o restante arrecadado. Para cada região, César estabelece o valor a ser coletado e enviado a ele. O que ultrapassar o teto estipulado, pertence ao coletor.

Finda a narrativa, todos se recolheram, levando um pouco de dúvidas e de certezas sobre a chegada de Karen que, outrora, também teve família e vida honrada.